

# humanitas

**Vol. XXXV-XXXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV  
C O I M B R A

por «absurd», vocábulo que deveria evitar por não ser unívoco, embora em inglês, como é sabido, além de *absurdo*, seu sentido fundamental, possa significar também *ridículo* — no entanto, nem todo o ridículo é absurdo, como nem todo o absurdo é ridículo.

Esta estimulante obra de Janko interessa sobremaneira a quem se dedicar ao estudo de Aristófanes, uma vez que o texto-arquétipo apresenta muitos exemplos retirados de obras deste autor. Aliás, uma das provas mais convincentes de que o texto estudado nesta obra se situa na época de Aristóteles é o facto de nele não serem tomadas em consideração as peças de Menandro, já que a alusão à Comédia Nova (secção XVIII, p. 40) não se refere ao ilustre discípulo de Teofrasto, mas sim a uma tripartição da comédia anterior a 320 a.C. e segundo a qual Aristófanes é colocado na «Comédia de Transição», como brilhantemente demonstra Janko.

Muitos são e de peso os argumentos apresentados pelo autor com vista a destruir as teorias segundo as quais o referido manuscrito mais não seria do que uma contrafacção, embora, de onde em onde, possa ficar a pairar uma dúvida no nosso espírito, e haja questões que não obtêm resposta convincente — como é o caso da ausência de referência à parábase, o que é para estranhar num texto que vive dos exemplos aristofânicos.

Saliento, para finalizar, dois argumentos que me parecem mais importantes, dada a forma original como são utilizados, transformando antipodicamente em provas de autenticidade, razões que têm sido aduzidas a favor da contrafacção:

1 — O manuscrito estudado, embora apresente inúmeros pontos de contacto com *Poética I*, como se pode ver pelo cotejo da estrutura dos dois textos, tem a sua individualidade própria, não sendo obra dum falsificador, precisamente por não se tratar duma imitação servil;

2 — Não há uma repetição de assuntos de uma obra para a outra e por vezes até *Poética II* procura colmatar lacunas deixadas pelo livro I, chegando mesmo a tratar de assuntos concernentes à tragédia, embora seja uma obra que essencialmente se debruça sobre a comédia.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

CARMINA ANACREONTEA edidit *M. L. West*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1984. XXVI + 66 pp.

Depois das edições, que fizeram época, de Th. Bergk (Leipzig, 41882) e de C. Preisendanz (Leipzig, 1912), impunha-se uma profunda revisão desse texto, aparentemente fácil, mas na verdade erigido de dificuldades.

Para essa tarefa, estava naturalmente indicado um helenista como M. L. West, dotado de grande experiência editorial, ele mesmo teorizador da crítica textual e suas aplicações, e de métrica grega.

Todas estas qualidades se evidenciam na tentativa de recomposição desses poemetos tão admirados pelos poetas renascentistas («Anacréon me plaît, le doux Anacréon», como dizia Ronsard), a que a escassez de manuscritos, a manifesta diversidade de autoria e data de composição, com a conseqüente variedade dialectal e progressiva deterioração métrica e prosódica conferem uma insegurança que qualquer editor prudente muitas vezes não ousa tentar vencer.

Assim se compreende que as *crucês* abundem neste texto e muitas vezes até tenham reaparecido, como, por exemplo, em 55.3. Em outros casos, há um salutar regresso à editio princeps de Henri Étienne (e.g. 8.15, 33.9), ou às emendas de Baxter (e.g. 1.3) ou de Bergk (e.g. 15.33, 18.6, 21.2, 42.17) ou ainda uma revalorização da tradição manuscrita (designadamente 11.5, 55.17, 60.36).

São numerosas as emendas próprias, algumas das quais particularmente felizes e bem apoiadas em paralelos. É o caso de *κεράσσαι*, em 2.4; de *δ'οὐδ'*, em 14.24; de *φείδεαι*, em 34.8, que introduz no famoso *μακαρισμός* da cigarra mais um elemento de valorização activa do insecto, em perfeita consonância com o que se lê no verso seguinte, e evitando a estranheza da construção; de *κούφον*, em 55.14; de *μετοίσων*, em 57.25. Uma emenda feliz, mas arrojada, é a que ocorre em 58.21, onde, depois de repor *πλέον* no lugar inicial do verso, substitui o impossível *χρησσοῦ* por *λύρης σου*, que, de qualquer modo, tem a recomendá-lo, sobre as várias alterações propostas até hoje, mesmo a de Bergk, seguida por Preisendanz, *χρυσσοῦ πλέον νεῦρα*, a sua própria simplicidade. Mas talvez a correcção mais sensacional seja a de 53.5, onde o suposto e deslocado dorismo *Κοβήβα* é substituído por *κοβηβῶ*. Trata-se de um verbo só atestado tardiamente, que, como reduplicação de *παραμαίνομαι* (tomado de Salmásio, sobre um texto manuscrito carregado de emendas), é muito apropriado.

Mais difíceis de aceitar serão algumas das correcções propostas, ou adoptadas de outros, nalguns poemas do final da colectânea. Assim, em 59.6, a substituição de *σταφυλήν*, de P, pelo genitivo, feita por Pauw, se é boa sintaxe dentro do verso a que pertence, deixa *πατοῦσων*, da linha anterior, sem objecto (o que não é impossível, pois o verbo pode ser empregado intransitivamente, mas é menos adequado ao contexto). O preenchimento de lacunas em 60.11a e 16.a.b.c., não obstante os paralelos que o apoiam, terá de se considerar ousado em demasia.

Um extenso prefácio faz, como é norma da colecção, a história da transmissão manuscrita; seguidamente, uma análise muito breve, mas também muito precisa e bem exemplificada, de formas dialectais, particularidades fonéticas, morfo-sintácticas e de acentuação; depois, uma secção sobre prosódia, que distingue três poetas — um que segue uma métrica silábica, à maneira clássica, outro que se engana na quantidade, não só das vogais que podem ser longas ou breves, como também de *η*, *ω* e ditongos, e um terceiro, que conta as longas como breves, desde que não acentuadas, e considera longas as breves, quando tónicas —, e outro sobre métrica. Um capítulo especialmente importante é o que é consagrado à composição da colecção e à forma criteriosa como as diversas peças vieram a ser reunidas. A descrição e apreciação das edições anteriores e os critérios adoptados nesta terminam a exposição. Uma bibliografia muito completa, tanto mais de admirar quanto uma parte é muito antiga (embora pudesse ainda acrescentar-se o texto e tradução francesa de Descombes, Paris, 1827, e a dissertação de L. Weber, *Anacreontea*, Gottingae, 1892, pp. 3-5) e um *index locorum* são outros predicados desta edição, cujo texto termina

com fragmentos de quatro Anacreonteias antigas (das quais três já figuravam em Bergk e a quarta é uma atribuição de Edmonds).

Mas não poderíamos terminar estas considerações sem umas palavras de louvor ao riquíssimo aparato dos *loci similes*. Embora pudessem anotar-se também as semelhanças temáticas das *Anacreontea* 2, 7, 8 e 48, respectivamente, com 51, 13, 16 e 11(a) Page, o conjunto de paralelos apontados seria suficiente para tornar este livro uma obra de referência obrigatória para o estudioso da literatura grega.

M. H. ROCHA PEREIRA

PINDARI CARMINA CUM FRAGMENTIS. PARS I. EPINICIA. Post *Brunonem Snell* edidit *Hervicus Maehler*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1984. XII + 192 pp.

Desde que, em 1953, Bruno Snell publicou na Bibliotheca Teubneriana um novo texto de Píndaro que ele recebeu da crítica os maiores aplausos. Logo reeditado dois anos depois (cf. *Humanitas* 7-8, 1955-56, XLV-XLVII), é dividido em dois volumes em 1959 (cf. *Humanitas* 11-12, 1959-60, XI-XII, e 17-18, 1965-66, 269-270), e, a partir da quinta edição, em 1971, o trabalho de revisão e actualização é confiado a um discípulo, já hoje famoso também, H. Maehler (cf. *Humanitas* 23-24, 1971-72, 538, para a primeira parte, e 27-28, 1975-76, 281-282, para a segunda, saída em 1975).

Tal como vinha sucedendo anteriormente, trata-se de uma reedição anastática, onde um pequeno quadrado à margem adverte de que há correcções ou acrescentos na folha final. Estes consistem essencialmente em pequenas correcções à métrica e breves aditamentos ao aparato crítico, num total de duas páginas.

Entre eles salientamos a v. 1. do novo papiro 2906 Pack *ante correctionem* a *Olimpicas* X. 3, e, sobretudo, a inserção, em *Piticas* I. 86, da lição de Galeno, *περί διαφορῆς* 3 (8, 682 Kuehn), que fora citada por Turyn no aparato das fontes, mas nunca incluída no aparato crítico. A variante afecta a sequência de metáforas com valor gnómico da última tríade da famosa ode:

..... ἀφεν-  
δει δὲ πρὸς ἄμμοι χάλκωνε γλώσσαν

Lendo ἀφενδῆ, a concordância do adjectivo é transferida de ἄμμοι para γλώσσαν. Tal como o texto é transmitido pelos manuscritos, era «na bigorna que não mente» que se forjava à língua, «uma das mais duras metáforas de Píndaro»;